

# Engenheiros criticam novo tratamento para o lixo

Sheyla Leal

Os engenheiros civis João Carlos Siqueira e Luís Martius Bezerra, responsáveis pela implantação da Usina Central de Tratamento de Lixo do Distrito Federal em 1984, contestam a proposta do Instituto de Ciência e Tecnologia (ICT) de desativar o equipamento responsável pela higienização do lixo. A proposta foi divulgada em matéria intitulada “Usina de Lixo passa a economizar Cr\$ 5,5 bi por mês”, publicada pelo **Jornal de Brasília** no dia 26 do mês passado. Segundo os engenheiros, a compostagem acelerada através dos higienizadores já havia sido aprovada pelas áreas técnicas de todos os órgãos governamentais a que foi submetida.

Por esse sistema, os higienizadores aceleram a decomposição do lixo para transformá-lo em composto orgânico que pode ser utilizado na agricultura. O ICT alega que o equipamento aumenta em 70% o custo total do tratamento de lixo em relação ao processo a céu aberto, em que os compostos orgânicos são preparados no pátio da usina. “A temperatura e a umidade do clima tropical são favoráveis à decomposição natural do lixo”, afirma o superintendente do ICT, Rogério Pereira Dias.

Já o engenheiro João Carlos Siqueira, que foi diretor da Caesb de 1982 a 1985, discorda da economia



**Os higienizadores aceleram a decomposição do lixo para transformá-lo em adubo orgânico**

do processo a céu aberto (enleiramento). Para ele, a economia deste sistema não ultrapassa o percentual de 20% comparado à compostagem acelerada. “O processo desejado pelo ICT só funciona em pequenas comunidades porque cria uma montanha de lixo”, disse João Carlos, ao acrescentar que há uma proliferação de insetos, colocando em perigo as áreas ambiental e de saúde no sistema de enleiramento. “É um

retrocesso”, completou Luís Martius.

“O ICT declara que a usina vem processando 390 toneladas por dia, tudo leva a crer que ao colher o dado confundiu-se composto produzido com lixo processado, pois a usina sempre processou 600 toneladas por dia”, salientou João Carlos. Já Luís Martius lembra que o ICT argumenta pelo funcionamento de duas linhas de processamento da

usina, “não considerando o fato da capacidade de cada uma atender em dois turnos”.

Segundo João Carlos, não há dúvida para os técnicos sobre a qualidade e segurança da compostagem acelerada, principalmente pelo enriquecimento do lixo com lodos dos esgotos da futura estação de tratamento de Esgotos de Taguatinga. “A usina realiza a medicina preventiva”, finalizou.